

O livro, síntese do homem

Lucía Sánchez Saornil

O costume tira do gesto sua grandeza; o fato de repetirmos todos os dias um mesmo ademais, nos conduz a efetuá-lo maquinalmente, apagando de nossa consciência a transcendência do ato que executamos. Mas há instantes, que poderíamos chamar de iluminados, no qual, sem esperá-lo, uma futilidade qualquer abre como que um caminho no denso matagal de nosso subconsciente. E, de súbito, o gesto cotidiano, tão simples e tão natural, aparece nas suas verdadeiras proporções; sem que, acaso, tenhamos reparado nele, converte-se em eixo e motor de nossa vida.

*

* *

Hoje sofremos um destes deslumbramentos. O calor desse sol invernal que habitualmente ameniza, de surpresa, a frieza dos invernos madrilenos atuava em nós. Sub-repticiamente, furtamos uma hora do trabalho diário – que logo teremos que ganhar em uma correria desenfreada – para passear pela rua ao sol.

Enche-nos, infinitamente, de prazer o tráfego citadino. Nossa adoração pagã pela natureza não exclui que, às vezes, nos ajoelhemos em face desta criação humana que é a cidade. Todo o esforço que foi necessário para erigi-la salta em nossos músculos, estira em nossos tendões, vibra em nossos nervos e dá tensão as nossas artérias.

Advertimos que nosso peito abriu-se à efusão numa torrente vital incontrolável, e

voltamos de imediato a cordialidade e ao aperto de mãos, fundidos num infinito prazer e num infinito amor. Gigantes e crianças.

*
* *

É o momento. Detivemo-nos diante da livraria farta. Os livros por detrás das vitrines, preservada sua virgindade por finas envolturas que deixam, entretanto, a ilusão da nudez, também gozam sua hora de sol, atravessados por arco-íris multicoloridos sobre os cristais.

Sedução destes volumes intactos, cuidados, expostos com arte como coisas excepcionais! Uma força imperiosa, não nascida de nossa vontade, mas, desse subconsciente em cujas sobras vão se forjando as revelações repentinas, paralisa nossos pés. Queremos compreender, e nos vemos de imediato como o avarento diante de seus tesouros. Como a mesma avidez que ele tomara suas joias, tomaríamos os nossos livros. Com amorosa deleitação, colocá-los-íamos junto ao nosso rosto, esperando descobrir neles um calor humano; pô-los-íamos sobre o coração adivinhando neles um coração semelhante. Abri-los-íamos cheios de vontade para buscar sua entranha. O livro não tem uma entranha, uma entranha que pode albergar um mundo?

E, em tal instante, desejaríamos um livro, apaixonadamente, como se desejássemos um amor. Um livro. Qual?

Este? Aquele? Não importa; um livro. E a impaciência coloca a mão no vidro da porta luxuosa e no fundo de nossos bolsos em busca de dinheiro.

Aqui o livro. Ciência? Literatura? História? Quem se importa? Um livro é sempre tudo isso. Aqui um livro, com seu cheiro *sui generis*, mistura de papel novo, tinta de imprensa e cola. Um livro, igual a um arcano. E uma emoção indefinível nos perturba; uma emoção não diferente daquela que teve Cristóvão Colombo ao embarcar pelas rotas inéditas do Oceano.

Aqui um livro: uma soma. Milhares de gerações puseram sua mão nele. Milhares de gerações buscaram através dos *papiros*, do pergaminho, das múltiplas substancias animais e vegetais este papel áspero e frágil, que tocam meus dedos, esta tinta indelével e estes símbolos de onipotência incalculável. Milhares de gerações ocuparam-se de encontrar esta forma pequena e manejável.

Mas, isso que é o livro hoje, não é todo o livro; por detrás está o imponderável. Por detrás, está realizado tudo o que foi antes de nós e pulsa como potencia que será. Todo livro é um fim e um começo. O livro é o cordão umbilical do mundo.

Se fechássemos todos os livros, o homem encontrar-se-ia de novo desamparado e atônito como no dia da criação. O símbolo escrito é a história do homem. Mas além, só existe a noite tenebrosa dos

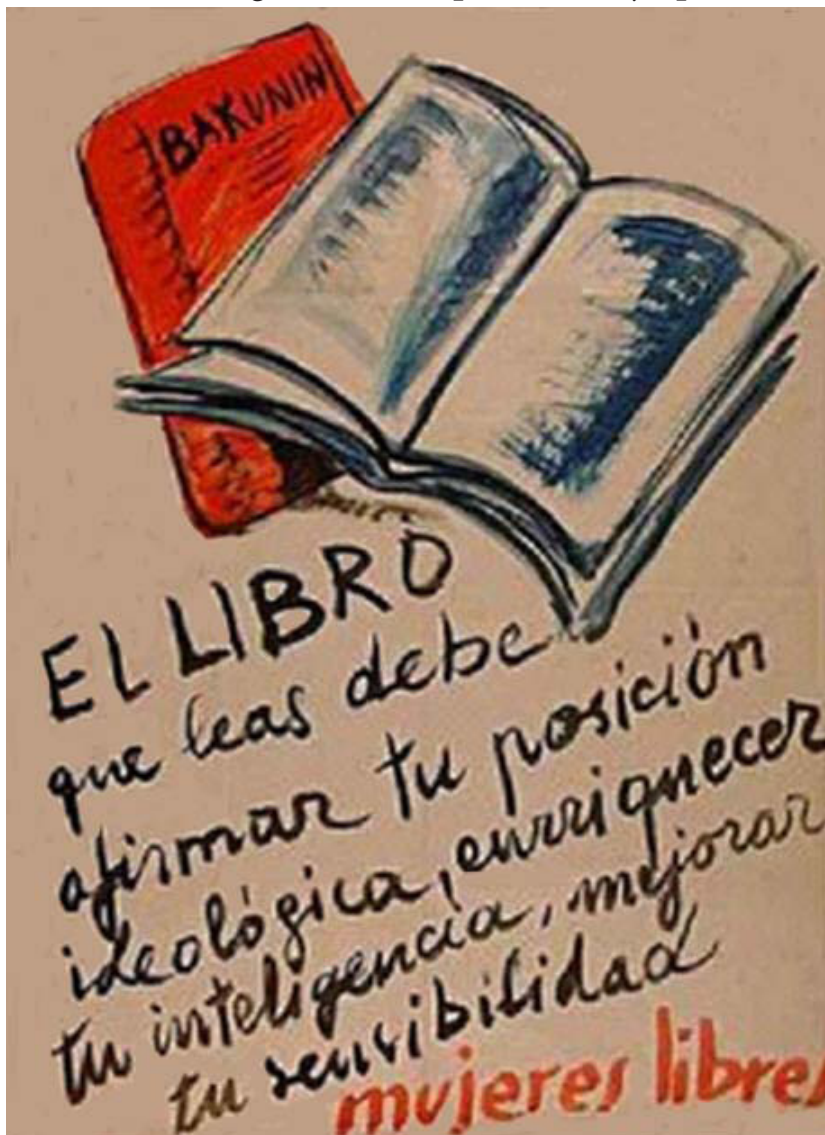
começos.

Jamais rechaçaremos um livro, por mais humilde que seja. Acolheremos o livro do amigo e não o desdenharemos. Em todos, está o homem em sua grandeza e servidão. Por isso, tomamos todos com igual avidez. Para nós, todos são edições de um mesmo único livro, perfis infinitos do mesmo homem. E só através de todos, conseguiremos compor o autêntico perfil humano.

E caminhamos embriagados, apoiando esta coisa breve e ligeira so-

bre o coração, surpreendidos por nossa própria falta de gravidade. Vamos como que empurrados por um alento imortal, arrebatados do chão, tocando as nuvens com o rosto. A cidade é nada; tudo o que acreditávamos imperecível, vemos apenar-se, infantilizar-se e reduzir-se. Só o livro contém eternidades.

De hoje em diante, ao abrir um livro o faremos com o mesmo óleo com que nossos avós faziam o pão. O ato cotidiano revelou-se a nós como imenso. A partir de hoje, para nós não existirá nem



Cartaz do grupo Mujeres Libres, o qual Lucía fez parte.

livro bom, nem livro ruim. Não queremos que ninguém nos ensine o caminho; seguiremos todos e só assim reconheceremos o nosso. Não existe livro bom ou ruim; todos são perfis da unidade.

Dessa unidade eterna da qual cada um de nós é uma extensão. Dessa unidade que é sucessiva e simultânea, e na qual os homens resistem a entrar.

O texto *El Libro. Síntesis del hombre* foi publicado originalmente na revista *Tiempos Nuevos*, Barcelona, n.3, 1 de março de 1936. Tradução de Thiago Lemos Silva.

A pesar da grande importância que teve no movimento anarquista e anarco-sindicalista espanhol, na primeira metade do século XX, Lucía Sánchez Saornil segue sendo uma “ilustre desconhecida”, fato que nos levou a escrever uma breve nota biográfica acerca de sua vida e obra.

Lucía Sánchez Saornil nasceu em 13 de dezembro de 1895, em Madrid. Passou sua infância na “Calle del Labrador”, situada no “Barrio de Peñuelas”, um bairro pobre da capital espanhola, junto com seus pais, Eugenio Sánchez e Gabriela Saornil, e seus irmãos, Concha Sánchez Saornil e José Sánchez Saornil.

Apesar da origem social humilde, a família possuía uma pequena biblioteca recheada de livros, folhetos e pergaminhos que o pai herdara de sua tia Isabel, a quem chamavam carinhosamente de “Mamá Bel”, na qual a pequena Lucía vivia “bisbilhotando”. Lembra que seu pai sempre lhe dizia, em tom de reprovação: “O que você busca? Deixe isso já. Por que você tem que ver e tocar em tudo? Fico irritado com o fato de ser tão curiosa”¹. Apelo que ela sempre ignorava e seguia com suas contínuas incursões no(s) novo(s) mundo(s) que os livros passaram a lhe abrir desde então, como podemos evidenciar em seu belo poema em prosa “O livro: síntese do homem”, com o qual o leitor da *Revista da Biblioteca Terra Livre* poderá se deleitar.

Talvez tenha sido esta curiosidade precoce que impulsionou Lucía a estudar no “Centro Hijos de Madrid”, chamado curiosamente de “Casa de los gatos”, numa época em que o acesso à educação por parte da população pobre da Espanha estava longe de ser uma realidade. Neste estabelecimento de ensino voltado para órfãos, ela concluiu seus estudos primários e secundários até no máximo 1913.

No ano seguinte, talvez, deu início aos seus estudos em pintura na prestigiada “Academia de Belas Ar-



Foto de Lucía Sánchez Saornil (1895-1970)

1 SAORNIL, Lucía Sánchez. *El breviario de Tia Isabel*. Avante: Ciudad Rodrigo, 05/09/1914.

tes de San Fernando”, de Madrid. 1914 foi também o ano de seu *début* poético. Recém-completados seus 18 anos, ela publicou no semanário *Avante*, de Ciudad Rodrigo, o poema “Nieve”, no qual narrava as sensações que lhe despertara aquele rígido inverno madrilenho. A pouca idade, temperamento delicado e estilo excepcional desta jovem poetisa levaram o articulista do jornal, José Santos Perez, a perguntar algo que, com o passar do tempo, viria a se concretizar: “Não lhes parece [...] que está chamada a ser uma grande escritora?”².

A partir de então, passará a publicar em diversas revistas literárias próximas ao modernismo, sob o pseudônimo de Luciano de San-Saor, tais como “Los Quijotes” e “Cádiz-San Fernando”. Com o passar do tempo, vincula-se ao ultraísmo e publica nos órgãos periódicos que se convertem nos principais porta-vozes deste movimento estético de vanguarda, na virada da década de 1910 para a década de 1920. A título de ilustração, citamos: “Grecia”, “Cervantes”, “Plural”, “Ultra” e “Manantial”. Tanto na primeira, quanto na segunda fase, seus poemas são marcados por um tema comum: a concepção sensual e não ideal de amor-paixão.

Com a morte de sua mãe e seu irmão, Lucía ficou com o encargo de

cuidar da casa, de sua irmã mais nova e de ajudar no sustento da família. Seguindo os passos de seu pai, que já atuava como telefonista, começa a trabalhar como operadora na Companhia Telefônica de Madrid, em 1916. Ao que tudo indica foi no interior da Telefônica, onde a CNT – Confederação Nacional do Trabalho - já atuava desde 1918, que ela travou seu contato inicial com o anarquismo. Em 1927 e 1931, ela irá se converter em uma das principais figuras que articularam e realizaram dois episódios grevistas que convulsionaram a Telefônica. Na primeira, será transferida para Valencia, na segunda será demitida.

Com a radicalização de seu compromisso militante, Lucía abandona o verso e passa a se dedicar a prosa, que retomará somente, ainda que com forma e conteúdo bastante diferentes, depois do início guerra civil/revolução social. Para ela, o poeta vanguardista “sabe o valor das palavras, mas, desconhece que porção de futuro está contida na jornada de um peão”. E arremata “A jornada, isto é o eficaz; as palavras mais ou menos fortes [...] são só literatura”³. A partir daquele momento, inicia sua colaboração em importantes órgãos da imprensa libertária madrilenha, tais como: “El Libertario”, “La Tierra”, “El Campo” e “CNT”, sen-

2 PEREZ, José Santos. *Una nova poetisa*. *Avante*: Ciudad Rodrigo, 31/01/1914.

3 PEREZ, José Santos. *Una nova poetisa*. *Avante*: Ciudad Rodrigo, 31/01/1914.

do que neste último ocupou o posto de secretária de redação em agosto de 1933.

Das suas publicações nos jornais anarquistas e anarco-sindicalistas, destaca-se sua crítica contundente ao machismo estrutural dentro da CNT, como se pode evidenciar por meio do embate travado entre ela e Mariano Vázquez nas páginas do periódico barcelonês “Solidaridad Obrera”, no qual já colaborava desde meados de 1935. Ciente de que a “questão feminina” não poderia ser reduzida à “questão social”, ela foi, ao lado de Mercedes Comaposada e Amparo Póch y Gáscon, uma das iniciadoras de Mujeres Libres, vindo a ser a principal responsável tanto pela linha editorial da Revista, quanto pela orientação política da organização, que chegou a mobilizar cerca de vinte mil mulheres trabalhadoras na “dupla luta” pela sua emancipação de classe e gênero.

No início da guerra civil/revolução social na Espanha, a partir de 19 de julho de 1936, Lucía permaneceu no epicentro dos acontecimentos que desencadearam tanto a reação quanto à resistência, haja vista que desde os primeiros encontros Franco deixara claro sua vontade de tomar a força a capital. Em Madrid, participou ativamente do assalto promovido pelos cenetistas ao “Cuartel de la Montaña” em busca de armas para as milícias, atuou

como cronista de guerra nos fronts de Guadalajara para os periódicos “CNT”, “Juventud Libre” e “Frente Libertario” e ajudou na estruturação das primeiras coletividades camponesas e operárias na região do Centro. Tudo isso, sem descuidar da organização das primeiras agrupações de Mujeres Libres, cujo secretariado nacional assumiria mais tarde.

Estes primeiros momentos de luta estão registrados nos trintas e três artigos publicados em seu folheto “Horas de Revolución”, que saiu pelo quadro editorial de Mujeres Libres, em 1937. Um ano depois, pelo mesmo quadro editorial, saiu o seu “Romancero de Mujeres Libres”, com oito poemas dedicados “aos que caíram pela liberdade”, tais como: Buenaventura Durruti, Maria Silva Cruz, Encarnación Gimenez, ou então homens e mulheres anônimos que lutaram em Madrid, Astúrias e Barcelona.

Além de secretária de Mujeres Libres, Lucía também foi secretária de SIA – Solidariedade Internacional Antifascista – outra importante organização libertária surgida no calor da guerra, com vistas à ajuda das vítimas do fascismo, em especial as crianças, os velhos e os combatentes feridos. Para tanto, deixa Madrid e vai para Valencia em meados de 1937. Na capital levantina, assume o posto de redatora-chefe do “Semanário Gráfico Umbral”,

no qual publica diversas reportagens sobre as mudanças na economia, política, educação e cultura sob o signo da revolução. Foi aí que ela conheceu América Barroso, com quem manterá uma grande amizade para o resto da vida e que sempre a acompanhará, inclusive quando se muda para Barcelona no início de 1938.

Com a iminência da vitória das forças fascistas lideradas por Franco, Lucía atravessou a fronteira do Pirineus em direção à França, em princípios de 1939. Como secretária de SIA, ajudou na evacuação e acolhimento dos espanhóis que buscavam o exílio, contando sempre com o apoio de América. Depois de transitar por Perpignan, Paris e Montauban, Lucía decide regressar a Espanha. Ao que parece, o medo de ser enviada para um campo de concentração nazista, somada à preocupação com o pai e a irmã que estavam doentes e de volta do exílio em La Coruña, desempenharam um papel não desprezível na sua escolha.

Graças ao apoio dos familiares de América, ambas atravessaram a fronteira e se estabeleceram em Madrid, em 1942. Aparte uma efêmera articulação com as irmãs Carmem e Visitación Lobo, para a reativação de uma organização clandestina de Mujeres Libres, em 1945, parece que Lucía não deu continuidade às atividades políticas. Um ano depois disso foi reco-

nhecida e, temendo a cair nos cárceres franquistas, ela e América mudaram-se para Valencia, onde reencontrou-se com seu pai e sua irmã.

A partir de 1950, quando consegue regularizar sua situação e obter documentação legal, retoma a pintura como ofício, pintando lenços, leques e quadros, com o qual mantinha ela, o pai e a irmã. Durante este período também retomou a poesia, porém como nunca as escreveu, pois, dizia que sabia todas de cor, parte delas ficou perdida. As únicas que restaram foram os poemas que escreveu pouco antes de ser diagnosticada com um câncer de pulmão, que a vitimou no dia 02 de junho de 1970. Na lápide de seu túmulo, América inscreveu, a pedido da própria Lucía, a seguinte frase: “¿Pero es verdad, que la esperanza há muerto?”, primeira estrofe de seus “Sonetos de la desesperanza”⁴.

Thiago Lemos Silva

⁴ SAORNIL, Lucía Sánchez. Sonetos de la desesperanza. In: *Poesía*. IVAM/PRE-TEXTOS: Valencia, 1966, p.160-161.